

## O CORPO NEGRO NA MÍDIA E O DIREITO À REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Karigina Prigina da Silva

*Estudante do Curso de Direito; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; prigiinaa@gmail.com.*

Miguel José do Nascimento Neto

*Estudante do Curso de Direito; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; miguelcardoso3223@gmail.com.*

Maria Regidiana da Conceição

*Professora do Curso de Direito; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; regidiana@hotmail.com.*

Gigliola Edézia Diogenes de Freitas Chaves

*Professora do Curso de Direito; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; giglidio11@gmail.com.*

### RESUMO

A evolução das mídias ao longo dos tempos também acompanhou as mudanças sociais e a luta em pró da reparação racial, e a visibilidade nos meios de comunicação e entretenimento. Sabemos, que a mídia tem papel primordial na construção e manutenção de estereótipos sobre o corpo negro, refletindo diretamente na identidade, na igualdade e na dignidade da população negra. Partindo dessa abordagem a presente pesquisa teve como objetivo analisar a representação do corpo negro na mídia brasileira e suas implicações para o direito a identidade e igualdade. De cunho quantitativo e qualitativo, com caráter bibliográfico exploratório, a pesquisa baseou-se em obras científicas e teóricas, mapeamentos e pesquisas entre os autores Stuart Hall, Grada Kilomba, e Muniz Sodré, que discutem a relação entre comunicação, representatividade e racismo simbólico. Os resultados indicam que, apesar dos avanços nas discussões sobre diversidade e inclusão, ainda prevalecem representações midiáticas que associam o negro à marginalidade, à subalternidade e à hiper sexualização, reforçando práticas de exclusão social. Constatou-se que a mídia, enquanto formadora de opinião, tem papel determinante na perpetuação ou no enfrentamento do racismo, sendo fundamental que adote uma postura ética e comprometida com a valorização da imagem negra e a promoção da igualdade racial. Conclui-se que transformar as narrativas midiáticas é essencial para combater o racismo simbólico e construir uma sociedade mais justa, plural e democrática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representatividade; Racismo simbólico; Igualdade racial.

### 1 INTRODUÇÃO

A participação e a representação política são ferramentas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. No entanto, no Brasil, observa-se que essa participação nem sempre reflete de forma fiel os interesses e as demandas das diversas comunidades que compõem o país. Isso ocorre, em grande parte, devido à sub-representação de grupos sociais demograficamente majoritários e historicamente marginalizados, como a população negra.

A exclusão do negro dos espaços de poder político reflete um processo histórico de desigualdade que também se manifesta na mídia e na cultura. O corpo negro, por muito



tempo, foi retratado de forma estereotipada e inferiorizada nos meios de comunicação, contribuindo para a manutenção de preconceitos e da invisibilidade social. Essa ausência de representações positivas e diversas limita a construção de identidades fortalecidas e o sentimento de pertencimento, fundamentais para o exercício pleno da cidadania.

Nesse sentido, considerando a influência da mídia na formação de percepções sociais, surgiu seguinte problemática: **em que medida a forma como o corpo negro é representado na mídia brasileira contribui para a consolidação ou a negação do direito à identidade e à igualdade racial?**

A partir dessa problemática, este trabalho buscou investigar os estereótipos construídos sobre pessoas negras em produtos midiáticos, relacionando a representação midiática com os direitos fundamentais, a dignidade e a igualdade. A pesquisa tentou evidenciar como essas representações impactam o reconhecimento social e jurídico da população negra. Esse estudo é de extrema relevância, tendo em vista que favorece o debate interdisciplinar entre Direito, comunicação e estudos culturais, propondo uma crítica ao racismo simbólico e à sub-representação negra.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A forma como a mídia mostra as pessoas negras ajuda a manter um sistema de racismo que já está enraizado na nossa sociedade. Isso acontece porque a mídia muitas vezes reforça a ideia de que o padrão "correto" ou "universal" é o branco, deixando as pessoas negras em posições de inferioridade ou estereotipadas. Como resultado, direitos importantes, como identidade, igualdade e dignidade, acabam sendo afetados.

Os meios de comunicação têm um papel muito forte nesse processo. Eles funcionam como uma espécie de "voz coletiva" que influencia o modo como a sociedade enxerga certos grupos. Quando a mídia apresenta, por exemplo, o homem negro sempre como criminoso ou a mulher negra apenas como objeto sexual, ela está ajudando a espalhar ideias racistas sem que, muitas vezes, as pessoas percebam.

A representatividade negra é vista como uma forma de oposição ao racismo e um meio de criar identidade, promovendo a positivação das diferentes faces da população negra (Nunes, 2020). o estudo da representatividade é essencial para compreender contextos de desigualdade racial, ajudando os indivíduos a perceber e enfrentar as estruturas de discriminação presentes na sociedade.

Este estudo é importante porque analisa como a mídia contribui para manter o racismo e mostra a necessidade de mudar essas narrativas.



## 2.1 Os estereótipos construídos sobre pessoas negras em produtos midiáticos

Os estereótipos sobre pessoas negras nos meios de comunicação não surgiram por acaso: eles são o resultado de um longo processo histórico de racismo estrutural, que moldou a forma como o corpo negro é visto e representado. Desde o período colonial, a imagem do negro foi associada à subalternidade, à força física e à marginalização. Essa herança ainda se reflete nas produções midiáticas, como novelas, filmes, programas de TV e campanhas publicitárias, nas quais as pessoas negras costumam aparecer em papéis de menor prestígio ou ligados à violência e à sensualização.

De acordo com o estudo *Negrestudo* (Projeto Afro, 2020), a invisibilidade do corpo negro em espaços de arte e cultura é semelhante ao que ocorre na mídia. A presença negra ainda é tratada como exceção, e não como parte natural da sociedade. Quando aparecem, os personagens negros geralmente não possuem profundidade ou complexidade, o que reforça estereótipos e limita as possibilidades de identificação. Essa representação restrita contribui para o racismo simbólico, isto é, aquele que se manifesta de forma sutil, mas contínua, por meio de discursos, imagens e narrativas que inferiorizam o negro.

Essas práticas midiáticas influenciam diretamente o imaginário social, fazendo com que o público associe a pessoa negra a papéis negativos e o corpo branco ao ideal de beleza e sucesso. Assim, a mídia não apenas reproduz, mas também ajuda a perpetuar desigualdades históricas, impedindo o avanço de uma verdadeira igualdade racial. Romper com esses estereótipos exige, portanto, repensar as narrativas, incluir profissionais negros na criação de conteúdo e ampliar o olhar sobre a diversidade e a pluralidade da experiência negra no Brasil.

## 2.2 Representação midiática e os direitos fundamentais a dignidade e a igualdade

A forma como o corpo negro é mostrado na mídia não é apenas uma questão estética ou cultural, mas também um problema jurídico e social. Isso porque a representação distorcida ou a ausência de pessoas negras nos meios de comunicação afeta diretamente os direitos fundamentais à dignidade e à igualdade, previstos na Constituição Federal. Quando a mídia reforça imagens negativas, ela contribui para a negação simbólica desses direitos, pois impede que as pessoas negras sejam vistas e tratadas como sujeitos plenos de cidadania.

A dignidade humana está relacionada ao reconhecimento e ao respeito da identidade



de cada indivíduo. Nesse sentido, quando a mídia valoriza a diversidade racial e mostra pessoas negras em papéis positivos, complexos e protagonistas, ela ajuda a fortalecer o sentimento de pertencimento e autoestima coletiva. Porém, quando insiste em retratos preconceituosos, acaba reforçando a exclusão e o racismo, ferindo o princípio constitucional da igualdade.

O *Negrestudo* (2020) também aponta que a baixa representatividade de artistas e profissionais negros em espaços de visibilidade reflete uma estrutura que ainda privilegia o corpo branco. Essa lógica se repete na mídia, demonstrando que a falta de diversidade não é apenas um reflexo social, mas também uma violação indireta dos direitos fundamentais. Promover uma mídia mais inclusiva, ética e diversa é, portanto, um passo essencial para concretizar o direito à igualdade e garantir que todas as pessoas possam ver suas histórias e corpos representados de forma digna e respeitosa.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo foi concebido a partir de uma análise crítica, um estudo bibliográfico e um planejamento acerca do tema. A relação pesquisador e o ambiente bibliográfico em um estudo é primordial, por isso se faz necessária a vivência e leitura, relacionando os textos de forma homogênea do pesquisador com o meio, pois o próprio deve se fazer instrumento, para análise e coleta de dados. Godoy (1995), denomina que o estudo qualitativo, tem como principal atenção o estudo da prática genuína, visando um entendimento abrangente, do ambiente estudado.

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, cujo objetivo está na compreensão aprofundada de fenômenos inseridos em contextos específicos, especialmente aqueles que envolvem relações sociais complexas. Essa pesquisa foi composta por obras literárias, científicas e técnicas, incluindo livros, artigos especializados e documentos acadêmicos. A seleção dos materiais não ocorreu de forma aleatória, mas foi guiada por critérios teóricos e conceituais que atendem aos objetivos da pesquisa, que possui caráter qualitativo.

Godoy (1995) ressalta que o estudo qualitativo se volta para a compreensão da prática genuína, exigindo do pesquisador não apenas distanciamento analítico, mas também uma postura de escuta e abertura ao fenômeno investigado. Nesse sentido, o pesquisador torna-se o principal instrumento de coleta e análise, sendo responsável por estabelecer conexões significativas entre os dados e o referencial teórico.



A análise textual, permite ao pesquisador ter uma visão ampla do real cenário que envolve o objeto de estudo. A partir das obras analisadas, podemos identificar que frequentemente o corpo negro é retratado de forma pejorativa ou marginalizada, principalmente em produções televisivas, cinematográficas e jornalísticas. Essa representação seletiva e distorcida reforça o racismo simbólico, isto é, aquele que se manifesta de maneira sutil e naturalizada, perpetuando a ideia de inferioridade racial sem, necessariamente, recorrer à violência explícita. Conforme Nunes (2020), a representatividade negra é fundamental para romper com esse ciclo, pois possibilita a valorização da identidade negra e a reconstrução de uma imagem positiva frente à sociedade.

A ausência de representações positivas das pessoas negras na mídia evidencia um padrão hegemônico que privilegia a estética e a narrativa branca como norma. Essa prática não apenas invisibiliza a pluralidade racial, mas também compromete o reconhecimento do negro como sujeito de direitos. Esse cenário reforça a percepção de que o corpo negro é um "outro", constantemente associado a papéis de subalternidade, violência ou hipersexualização, o que fere os princípios constitucionais de igualdade e dignidade humana.

A análise qualitativa das fontes indica, portanto, que a mídia, ao mesmo tempo em que tem potencial para promover a igualdade racial, ainda opera majoritariamente como reprodutora de práticas discriminatórias e de exclusão simbólica. Desse modo, faz-se necessário repensar o papel dos meios de comunicação como agentes de transformação social, investindo em narrativas plurais, na formação ética dos profissionais da comunicação e na ampliação da representatividade negra de forma não estereotipada.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa evidenciou que a mídia exerce forte influência na construção das percepções sociais sobre o corpo negro, frequentemente reforçando estereótipos e práticas de racismo simbólico. Mesmo com avanços nas discussões sobre igualdade racial, ainda predominam representações negativas que afetam o direito à identidade, à igualdade e à dignidade da população negra.

Verificou-se que a representatividade vai além da simples presença de pessoas negras na mídia: é fundamental que essas presenças sejam retratadas de forma positiva e plural, valorizando a cultura e a história negra. Assim, torna-se necessário repensar as práticas comunicacionais, promovendo narrativas mais justas e inclusivas. Conclui-se que combater o racismo simbólico exige uma mudança estrutural na mídia e na sociedade,



baseada na responsabilidade ética dos meios de comunicação e no compromisso coletivo com a igualdade racial e o respeito à dignidade humana.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. M. J.; FOSTER, Eugênia da Luz Silva. **O negro na comunicação: estereótipos racistas**. Pulsações e Questões Contemporâneas, p. 377–397, 2017.

ARIÊ, A. **Negrestudo: mapeamento de artistas representados pelas galerias de arte de São Paulo**. São Paulo: Projeto Afro, out. 2020. Disponível em: <https://projetoafro.com/editorial/artigo/negrestudo-mapeamento-artistas-representades-pelas-galerias-de-arte-de-sao-paulo/>. Acesso em: 26 out. 2025.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS (CIDH). **Guia prática: a situação dos direitos humanos no Brasil desde uma perspectiva etno-racial: pessoas afrodescendente, indígenas e quilombolas**. Washington, DC.: Organização dos Estados Americanos (OEA), 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Psicologia brasileira na luta antirracista: volume 1**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2022. 1. ed.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20–29, maio/jun. 1995.

LACERDA, S.; DAMASCENO, R. **A representação do negro nas mídias: uma revisão sistemática de literatura**. Trabalho apresentado no GT Historiografia da Mídia, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2021.

MARCONDES, G.; MARQUES, R. **Gramáticas do Atlântico Negro: Virgínia Bicudo e Grada Kilomba**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 275821, 2022.

MORAES, M. L. B. **Stuart Hall: cultura, identidade e representação**. Revista Educar Mais, Pelotas: Instituto Federal Sul-rio-grandense, v. 3, n. 2, p. 167-172, 2019.

NASCIMENTO, D. R.; SILVA, L. T. F.; SILVA, Sávio Luís da. **O direito à representatividade: a luta política pela visibilidade de corpos negros e LGBTQIA+**. Anais do Congresso Nacional de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território, v. 20, n. 39, p. 223–238, 2020.

SANTANA, B. P.; SILVA, E. M.; ANGELIM, Y. **Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira**. Lutas Sociais, São Paulo, v. 22, n. 40, p. 52–66, jan./jun. 2018.

SCHVARZMAN, S. **O protagonismo negro enfim faz sucesso: a autorrepresentação em Medida Provisória e Marte Um**. Matrizes, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 87–109, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i2p87-109>.

SODRÉ, M. **O Terreiro é a Cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.

